

# ESTUDOS DE LINGUÍSTICA

VOLUME II

CONCEIÇÃO CARAPINHA  
ISABEL A. SANTOS

COORD.



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

# A AQUISIÇÃO DA ESTRUTURA PASSIVA EM PORTUGUÊS EUROPEU

**Antónia Estrela**

*Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa*

*Centro de Linguística da Universidade de Lisboa*

*Escola Superior de Educação de Lisboa*

*antonia.estrela@eselx.ipl.pt*

## 1. Introdução

A construção passiva continua a ser alvo de grande interesse ao nível da investigação na área da aquisição da linguagem, dado que não há consenso em relação aos fatores que poderão estar na origem do atraso que aparentemente se verifica em várias línguas (Armon-Lotem *et al.*, no prelo). É deste modo que se justifica o estudo da aquisição da construção passiva em Português Europeu (PE), tema que constitui o foco do presente trabalho, que está organizado como a seguir se descreve. No ponto 2, apresentamos uma descrição geral dos estudos que têm sido produzidos sobre a aquisição da estrutura passiva. Posteriormente, damos a conhecer os dois estudos experimentais que levámos a cabo com o intuito de aferir se há dificuldades na interpretação da passiva por crianças<sup>17</sup> de 3, 4 e

---

<sup>17</sup> Agradecemos às crianças do Jardim Infantil Pedrita, do Jardim de Infância do Centro Social e Paroquial de São Domingos de Benfica, do Jardim de Infância do Bairro Horta Nova (Agrupamento de Escolas de São Vicente-Telheiras), por terem colaborado neste projeto e por sempre terem demonstrado alegria e entusiasmo, apesar das perguntas repetitivas. Agradeço igualmente aos seus pais que deram autorização para que as experiências se realizassem, bem como às respetivas coordenações das instituições e às educadoras, pela disponibilidade e interesse que sempre demonstraram.

5 anos. No ponto 4, apresentamos os resultados apurados, e discutimo-los; finalizamos com algumas notas, defendendo a pertinência de novos estudos sobre a estrutura passiva.

## 2. A aquisição da passiva sintática

Relativamente à aquisição da passiva sintática, a pesquisa revela que a complexidade inerente a esta construção pode tornar mais árdua não só a sua produção, como também a sua compreensão<sup>18</sup>. Para o PE, Sim-Sim (1997) apresenta dados que mostram que as crianças de seis anos ainda manifestam dificuldades na compreensão de passivas reversíveis<sup>19</sup>. A autora faz a distinção entre a compreensão de passivas reversíveis e de passivas não reversíveis. No que respeita ao primeiro tipo, só a partir dos 9 anos é que as crianças têm um desempenho ao nível do adulto, com uma taxa de acerto de 77%. Já as passivas não reversíveis são compreendidas aos 4 anos, com 94% de correção. Como veremos adiante, as passivas não reversíveis não foram objeto de análise no nosso estudo. Apenas as passivas reversíveis foram estudadas. Obtivemos resultados diferentes dos de Sim-Sim (1997). Fatores metodológicos poderão talvez explicar tais diferenças.

Sendo escassa a bibliografia sobre aquisição de construções passivas em PE, é muito ampla no que diz respeito a outras línguas. Maratsos *et al.* (1985) desenvolvem um estudo que visa testar a compreensão em passivas com verbos agentivos (ex. *morder*) e passivas com verbos não agentivos (ex. *ver*). Os resultados obtidos apontam para uma melhor compreensão de verbos agentivos do que de verbos não agentivos por

---

Este trabalho foi desenvolvido com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, através das bolsas SFRH/BD/36675/2007 e SFRH/PROTEC/67746/2010.

<sup>18</sup> Correia (2003) demonstra que enunciados de matemática com exercícios formulados na passiva originam problemas na compreensão e na posterior resolução dos exercícios.

<sup>19</sup> As passivas reversíveis são aquelas que contêm dois agentes possíveis, ao contrário das passivas não reversíveis, em que apenas um dos termos pode desempenhar o papel de agente devido a restrições semânticas:

- i. O João foi beijado pela Maria. A Maria foi beijada pelo João. (Passiva reversível);
- ii. O papel foi rasgado pela Maria. \*A Maria foi rasgada pelo papel. (Passiva não reversível).

parte das crianças, no que à compreensão da passiva diz respeito. No entanto, as mesmas crianças compreendem as ativas com os dois tipos de verbos de igual modo, o que revela que o problema é específico das passivas e não de dificuldades de processamento aliadas aos verbos não agentivos. Como veremos na secção 3.4., os nossos dados divergem dos que são apresentados por Maratsos *et al.* (1985), uma vez que, até nas frases ativas, quando os verbos são não agentivos, as crianças apresentam níveis de desempenho inferiores.

Por seu turno, Gordon / Chafetz (1990) explicam as diferenças entre a interpretação de passivas com verbos agentivos e com verbos não agentivos, tendo por base uma perspectiva centrada, por um lado, no verbo, e, por outro, na classe verbal. Consideram que a generalização se torna mais acessível para a criança a partir do momento em que exista um verbo semanticamente relacionado no léxico que serve como modelo para outros verbos do mesmo tipo. A preferência dos autores recai, portanto, sobre uma abordagem centrada no verbo.

Na mesma linha, Pinker / Lebeaux / Frost (1987) defendem que há uma maior probabilidade de as crianças recorrerem à passiva com cenas prototipicamente transitivas do que com cenas de transitividade reduzida. Assim, mais facilmente encontraremos uma passiva com verbos que exibem um objeto Paciente, tendo as crianças de aprender quais os verbos não agentivos que podem ser passivizados, baseando-se em classes de verbos criadas a partir de evidência positiva.

Dois estudos que se distinguiram pelo impacto que obtiveram foram os de Borer / Wexler (1987) e Fox / Grodzinsky (1998). Os primeiros autores defendem a Hipótese da Maturação, que prevê que a disponibilização de certas estruturas está sujeita a maturação. A partir do modelo de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1981), Borer / Wexler propuseram que o princípio que governa o movimento do Objeto para uma posição de sujeito apenas matura aos 5 anos. Desta forma, a falha na compreensão deve-se à incapacidade para criar cadeias argumentais<sup>20</sup> e para atribuir o papel temático não localmente ao NP sujeito, através de uma cadeia-A. O

---

<sup>20</sup> Uma cadeia liga um constituinte à sua posição original e permite a transferência do papel temático.

sucesso na compreensão é justificado por uma interpretação alternativa que não implica cadeias-A, ou seja, a passiva é interpretada como adjetival.

Mais recentemente, Babyonyshev, Ganger, Pesetsky / Wexler (2001) avançaram que a dificuldade na aquisição da passiva não se deveria à maturação da cadeia argumental, mas à falta de argumentos externos (sujeitos lógicos) no *input*. Quando o agente da passiva não está expresso, o sujeito lógico pode apenas ser inferido, o que poderá constituir um problema para as crianças.

Por seu turno, Fox / Grodzinsky (1998) preferem colocar a ênfase na transmissão temática, sendo a falha na atribuição do papel temático externo à *by*-phrase (agente da passiva) a causa das dificuldades com que as crianças se confrontam. Segundo os autores, em predicados com verbos agentivos, a preposição atribui um *affector role* (agente, possuidor, etc.) que é facilmente interpretado pelas crianças. No entanto, em predicados com verbos não agentivos, o *affector role* não é compatível com o papel temático atribuído pelo predicado e é este conflito de papéis temáticos que causa as dificuldades com as passivas construídas especificamente com estes verbos.

Expondo uma abordagem divergente das anteriores, Crain, Thornton / Murasugi (1987) afirmam que, aos 3 anos, crianças falantes de inglês não têm problemas com a compreensão de passivas, e atribuem a fatores não linguísticos como o processamento e o *input* a origem do atraso que se verifica em algumas línguas.

Na verdade, vários estudos mostram que o atraso não é transversal a todas as línguas. Um exemplo é o de Demuth (1989), que aponta a ausência de dificuldades na aquisição de passivas em sesotho, e justifica o facto com a alta frequência de passivas no *input*, por um lado, e com morfologia única desta construção nesta língua, por outro.

Também Allen / Grago (1996) reportam o uso produtivo de passivas a partir dos 2 anos em inuktitut. A justificação disponibilizada prende-se com fatores específicos da língua, quer estruturais, quer funcionais.

No estudo que levou a cabo para o português do Brasil, Rubin (2009) conclui que, se uma análise aos resultados globais aponta para um atraso, os resultados individuais sugerem que para algumas crianças a interpreta-

ção da passiva (especialmente da passiva curta<sup>21</sup>) não constitui qualquer problema. Pelos motivos apresentados, a autora considera que falar num atraso universal na aquisição da passiva é muito redutor.

Ainda para o português do Brasil, Gabriel (2001) prevê que o padrão de desenvolvimento das passivas é determinado pelo uso específico e frequência numa dada língua – ou seja, pelas propriedades do *input*.

Muito recentemente, Armon Lotem *et al.* (no prelo)<sup>22</sup> concluíram que, na maior parte das línguas, a passiva longa é mais difícil do que a passiva curta e que existe uma certa preferência pela ordem canônica de palavras como estratégia quando as crianças não conseguem interpretar a passiva, ou seja, interpretam a passiva como ativa. Para além disso, verificaram que as dificuldades com passivas curtas não se devem às propriedades da *by-phrase* nem à frequência no *input*, sendo acima de tudo importante a exposição a construções semelhantes morfológica e sintaticamente. Adiantam que a variabilidade na ordem de palavras e a experiência com o mapeamento entre redução argumental e morfologia passiva na passiva impessoal, adjetivos resultativos e inacusativos nas várias línguas podem ajudar a compreender o sucesso das crianças na interpretação da passiva curta.

Resumindo, ao longo dos últimos parágrafos, pudemos distinguir abordagens mais centradas na sintaxe (Borer / Wexler, 1987), outras, na semântica (Fox / Grodzinsky, 1998; Maratsos *et al.*, 1985) e ainda as que se centram mais no léxico (Gordon / Chafetz, 1990). Do ponto de vista sintático, seria a cadeia argumental que justificaria a aquisição tardia; do ponto de vista semântico, a atribuição dos papéis temáticos explicaria o atraso; e, finalmente, do ponto de vista lexical, o atraso justificaria-se com base nas especificidades de cada verbo e do próprio *input*.

Tendo sido feita uma breve descrição da literatura sobre a aquisição de passivas, o que notamos é a persistência de resultados dissemelhantes em várias línguas, o que torna mais árdua a tarefa de atribuir uma

---

<sup>21</sup> A designação *passiva curta* diz respeito à ausência do agente da passiva, por oposição a *passiva longa*, em que se nota a presença do agente da passiva.

<sup>22</sup> A partir do estudo sobre passivas inserido no Projeto Europeu COST ACTION A33, depois de analisadas 11 línguas no que à aquisição da estrutura em causa diz respeito.

explicação para a aquisição aparentemente tardia da estrutura passiva. Até ao nível de uma mesma língua, nota-se algumas divergências em termos de resultados, o que é justificado, por exemplo, através de questões metodológicas.

No nosso entender, é justamente essa visível disparidade de resultados que legitima a necessidade de estudos mais abrangentes nesta área específica. Pensamos que a análise dos dados do PE levanta também questões interessantes nesta matéria. É o que veremos na secção seguinte.

### **3. A compreensão de passivas sintáticas em PE**

Relativamente ao PE, pretendemos verificar se existe uma aquisição tardia da estrutura passiva e, em caso positivo, identificar os fatores que justificam esse atraso. É nosso objetivo investigar a compreensão de passivas longas e de passivas curtas, ao mesmo tempo que testamos se o tipo de verbo implicado será pertinente para a interpretação da passiva, nomeadamente verbos agentivos e verbos não agentivos. O intuito é avaliar a adequação das duas hipóteses, já anteriormente descritas, que tentam explicar o desenvolvimento tardio da construção passiva na gramática da criança.

Tendo em conta os desenvolvimentos teóricos apresentados na secção anterior, convém agora expor as duas hipóteses de trabalho que presidem ao nosso estudo, tornando claras as assunções subjacentes a cada uma delas.

Hipótese 1: A compreensão de passivas longas acarreta maiores dificuldades do que a compreensão de passivas curtas.

O estabelecimento desta hipótese está diretamente relacionado com a ideia defendida em Borer / Wexler (1987) de que a passiva curta será mais fácil para as crianças, numa fase inicial, porque será interpretada como passiva adjetival, não implicando, portanto, a existência de uma cadeia argumental.

Hipótese 2: A compreensão de passivas com verbos não agentivos acarreta maiores dificuldades do que a compreensão de passivas com verbos agentivos.

A formulação desta hipótese, na esteira de Fox / Grodzinsky (1998), justifica-se no sentido em que a atribuição do papel temático é feita diretamente pela preposição, com verbos agentivos, o que seria facilmente interpretável pelas crianças. Com verbos não agentivos, haverá um conflito de papéis temáticos que originará complicações na interpretação de passivas longas.

### **3.1. Estudo experimental**

O estudo experimental levado a cabo divide-se em duas partes. Na primeira parte, testámos a compreensão de passivas com verbos agentivos, enquanto na segunda foram testadas frases passivas com verbos não agentivos.

#### ***3.1.1. Passivas com verbos agentivos***

No primeiro estudo experimental, participaram 72 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, sendo a média de idades dentro de cada grupo 3;7, 4;7 e 5;6, respetivamente. O grupo de controlo foi constituído por 24 adultos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 22, sendo a média de idades de 19;6.14. As crianças foram selecionadas tendo em conta a sua idade e a língua materna. Todas tinham o português como língua materna, eram monolíngues e não estavam diagnosticadas com qualquer patologia que pudesse perturbar o seu desempenho no teste.

Foi testada a compreensão de frases passivas longas, de frases passivas curtas, bem como das frases ativas correspondentes, através de um Teste de Seleção de Imagem. Apenas foram utilizados verbos agentivos.

Os verbos testados foram escolhidos tendo em conta o teste feito para o inglês, no âmbito do projeto COST ACTION A33<sup>23</sup>. Para além disso, diversas questões, cuja pertinência é conhecida na área da aquisição de construções passivas, foram consideradas, incluindo a reversibilidade<sup>24</sup> do verbo, a agentividade, a ausência ou presença do agente da passiva e o conhecimento do mundo.

Os verbos testados foram: *empurrar, examinar, beijar, alimentar, lavar, perseguir, coçar, pentear, desenhar, sujar, acariciar, abraçar, secar, tapar, carregar, puxar, barbear, fotografar, pintar, divertir, magoar, morder*. No total, foram testados 22 verbos, havendo 22 frases ativas, 22 frases passivas longas e 22 frases passivas curtas.

### **3.1.2. Passivas com verbos não agentivos**

Com a segunda experiência visou-se testar a compreensão de passivas curtas e longas, com verbos agentivos e não agentivos. O Teste de Valor de Verdade foi aplicado a 75 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, sendo a média de idades dentro de cada grupo 3;7, 4;5 e 5;6, respetivamente. O grupo de controlo foi o mesmo que participou na experiência 1.

Foram testadas 42 frases, das quais 7 eram passivas curtas com verbos não agentivos, 7 passivas longas com verbos não agentivos, 7 passivas curtas com verbos agentivos, 7 passivas longas com verbos agentivos e 14 ativas.

Os verbos agentivos utilizados nesta experiência foram: *empurrar, lavar, pentear, abraçar, pintar, tapar, fotografar*; e os não agentivos: *avistar, odiar, ver, adorar, ouvir, detestar, amar*. Mais uma vez, foram tidos em conta

---

<sup>23</sup> A experiência que levámos a cabo foi inicialmente desenvolvida pelo projeto COST ACTION A33, Crosslinguistically Robust Stages of Children's Linguistic Performance, que concebeu um estudo comparativo da aquisição de várias estruturas linguísticas por crianças de 5 anos, de diversos países europeus. Adaptámos a experiência, originalmente concebida em inglês, para o português e alargámos a faixa etária, tendo participado crianças dos 3 aos 5 anos.

<sup>24</sup> Os argumentos apresentados partilham os mesmos traços semânticos, nomeadamente o traço [+ animado], apresentando também a mesma especificação no que ao traço [+ humano] diz respeito.

aspectos importantes como a reversibilidade<sup>25</sup> semântica dos argumentos, a plausibilidade de fazerem parte do conhecimento que as crianças têm sobre o mundo e a possibilidade de representação através de imagens.

Na seleção dos verbos não agentivos, elegemos como critério único o facto de o sujeito da frase ativa não receber o papel temático de Agente, no contexto relevante, pelo que será fácil identificar outros aspectos que diferenciam os verbos selecionados entre si.

### 3.2. Os resultados

Relativamente aos resultados<sup>26</sup> obtidos a partir do primeiro estudo experimental, confirma-se que a interpretação da frase ativa não levanta dificuldades, sendo, no entanto, apenas aos 4 anos que a criança interpreta a passiva ao nível do adulto:<sup>27</sup>

**Tabela 1** – Resultados obtidos na interpretação das frases ativas e das frases passivas.

	Ativa	Passiva	P-value
<b>3 anos</b>	0.86	0.64	<b>&lt;0.0001</b>
<b>4 anos</b>	0.91	0.77	<b>0.0001</b>
<b>5 anos</b>	0.93	0.90	0.0662

---

<sup>25</sup> Os argumentos apresentados partilham os mesmos traços semânticos, nomeadamente o traço [+ animado], apresentando também a mesma especificação no que ao traço [+/- humano] diz respeito.

<sup>26</sup> Na análise levada a cabo, foram utilizados testes não paramétricos para avaliar a significância das diferenças entre as condições em estudo, uma vez que o número de indivíduos em cada grupo analisado é inferior a 30. Ao realizar-se este tipo de testes, está ser a avaliada a diferença entre as frequências de respostas certas de cada indivíduo e a mediana das frequências de respostas certas de todos os indivíduos. Por essa razão, o parâmetro explorado foi a mediana e não a média.

<sup>Asim</sup>, para todas as comparações entre grupos, foi aplicado o Teste Mann-Whitney. Quando a comparação é realizada dentro de um mesmo grupo, entre várias condições, foi utilizado o Teste de Wilcoxon para amostras emparelhadas (considerando o facto de ser a mesma criança a responder às diferentes condições, o resultado dos testes não é independente).

<sup>Assumindo</sup> um nível de significância de 5%, considerou-se que a diferença entre as proporções é estatisticamente significativa quando o *p-value* é < 0.05.

<sup>27</sup> Defende-se que a partir dos 75% a criança tem um desempenho ao nível do adulto. Tal como se esperava, o grupo de controlo respondeu corretamente à totalidade das questões, atingindo, portanto, um nível de desempenho de 100% em ambas as experiências.

A tabela acima mostra ainda que a diferença entre a interpretação da frase ativa e da passiva é estatisticamente significativa aos 3 e 4 anos, deixando de o ser apenas aos 5, tal como revelam os *p-values*.

Vemos que a interpretação quer da ativa quer da passiva evolui de acordo com a progressão etária.

No que diz respeito aos resultados obtidos na interpretação das frases passivas longas e curtas, constatamos que a diferença não é significativa em qualquer uma das faixas etárias. Neste sentido, podemos afirmar que as crianças têm o mesmo nível de desempenho perante as passivas curtas e as passivas longas. É o que mostram os dados abaixo:

**Tabela 2** – Resultados obtidos na interpretação das frases passivas longas e curtas.

	<b>Passiva curta</b>	<b>Passiva longa</b>	<b>P-value</b>
<b>3 anos</b>	0.636	0.545	0.0761
<b>4 anos</b>	0.773	0.818	0.5894
<b>5 anos</b>	0.909	0.955	0.1944

Passando para os dados obtidos a partir do segundo estudo experimental, como podemos ver na tabela abaixo, os dados mostram que, aos 3 anos, as crianças respondem ao nível do acaso<sup>28</sup> sendo a partir dos 4 que atingem o nível de resposta considerado de um adulto, 79%. Já em relação à passiva não agentiva, em nenhuma das três faixas etárias foi atingido o desempenho dos adultos: aos 5 anos, as crianças ainda mostram uma taxa de 64% de acerto, portanto, abaixo dos 75% considerados ao nível do adulto. A diferença entre a interpretação da passiva agentiva e da passiva não agentiva é estatisticamente relevante a partir dos 4 anos:  $p=0.00014$ .

---

<sup>28</sup> Os dados do segundo estudo experimental corroboram os dados obtidos a partir do primeiro.

**Tabela 3** – Resultados na interpretação das frases passivas agentivas e não agentivas.

<b>Faixa etária</b>	<b>Passiva Agentiva</b>	<b>Passiva não Agentiva</b>	<b>P-value</b>
<b>3 anos</b>	50%	50%	0.909
<b>4 anos</b>	79%	50%	0.00014
<b>5 anos</b>	93%	64%	<0.001

Foi também feita uma análise que visava comparar o desempenho na compreensão de passivas agentivas e não agentivas curtas e passivas agentivas e não agentivas longas. Os resultados apontam no mesmo sentido da interpretação de passivas agentivas e não agentivas no geral, como se pode ver abaixo.

**Tabela 4** – Resultados na interpretação das frases passivas agentivas e não agentivas curtas e longas.

<b>Faixa etária</b>	<b>Passiva Agentiva Curta</b>	<b>Passiva não Agentiva curta</b>	<b>P-value</b>	<b>Passiva Agentiva Longa</b>	<b>Passiva não Agentiva Longa</b>	<b>P-value</b>
3 anos	43%	57%	0.961	43%	43%	0.8075
4 anos	86%	57%	<0.0001	86%	43%	0.0003037
5 anos	100%	71%	<0.0001	100%	57%	<0.0001

A tabela 4 mostra que aos 3 anos as crianças interpretam ao nível do acaso as passivas agentivas curtas e longas, atingindo aos 4 anos resultados muito melhores: 86%. No que concerne à passiva não agentiva curta e longa, em nenhuma das faixas etárias em análise são atingidos resultados superiores a 71%.

**Tabela 5** – Resultados obtidos na interpretação das frases ativas agentivas e não agentivas.

	<b>Ativa Agentiva</b>	<b>Ativa não Agentiva</b>	<b>P-value</b>
<b>3 anos</b>	100%	71%	0.002508
<b>4 anos</b>	100%	71%	<0.0001
<b>5 anos</b>	100%	86%	0.00012

Da interpretação da tabela acima, podemos depreender que também a compreensão das frases ativas é mais difícil quando estas são construídas com verbos não agentivos. Neste sentido, a questão da agentividade parece assumir mais relevância do que aquela que lhe tem sido atribuída, sendo fundamental continuar a estudar o papel da agentividade na aquisição da estrutura passiva e de outras estruturas.

Tal como descrito para outras línguas, o nosso estudo mostra que há um atraso na aquisição de passivas em PE quando comparadas com as frases ativas. Assumindo que um desempenho ao nível de 75% de respostas certas é equivalente ao desempenho de um adulto (tal como comumente aceite), aos 3 anos as crianças já adquiriram a estrutura ativa e, a partir dos 4, já revelam ter a passiva (com verbos agentivos) estabilizada, apresentando 77% de respostas corretas.

#### **4. Discussão dos dados e conclusões**

Apresentados os dados, importa agora discuti-los tendo em conta as duas hipóteses formuladas na secção 3 deste trabalho. A hipótese 1 previa que a compreensão de passivas longas acarretaria maiores dificuldades do que a compreensão de passivas curtas. Como constatámos anteriormente, esta hipótese foi formulada a partir do trabalho de Borer / Wexler (1987), que defendia que as passivas curtas seriam mais fáceis de compreender uma vez que seriam interpretadas como adjetivais. Tal não é confirmado pelos resultados que obtivemos, refutando-se, portanto, a primeira hipótese formulada.

Relembrando agora a segunda hipótese de trabalho, que previa que a compreensão de passivas com verbos não agentivos representaria maiores dificuldades do que a compreensão de passivas com verbos agentivos, tal como previsto por Fox / Grodzinsky (1998), o nosso estudo mostra que, de facto, as passivas não agentivas são de mais difícil interpretação do que as passivas agentivas. Neste sentido, é a segunda hipótese apresentada aquela que é suportada pelos nossos dados. No entanto, ao contrário do que Fox / Grodzinsky (1998) reclamam, o problema não se

desvanece com as passivas curtas não agentivas. A interpretação destas passivas devia ser significativamente mais fácil, dada a não realização do agente da passiva. A tabela 4 mostra, como já vimos, que as crianças têm um melhor desempenho na interpretação de passivas não agentivas curtas. No entanto, o desempenho ao nível do adulto não é registado em qualquer das faixas etárias.

Tendo em conta os resultados obtidos, parece que a presença do complemento agente da passiva não é um fator determinante para a interpretação da construção em análise, mas sim o facto de esta ser agentiva ou não agentiva. Além disso, há que lembrar que, mesmo quando estão perante frases ativas com verbos não agentivos, as crianças revelam dificuldades. Neste sentido, mais estudos são necessários, de modo a explorar com maior minúcia o impacto da agentividade/ não agentividade na compreensão de frases nos estádios iniciais da aquisição.

Após uma análise global dos resultados, os nossos dados confirmam as dificuldades generalizadas com passivas sintáticas numa fase inicial. No entanto, tal como Rubin (2009), se tivermos em conta alguns resultados individuais referentes a algumas crianças, a interpretação da passiva não constitui um problema. É nesse sentido que também nos parece fundamental continuar a desenvolver estudos que deslindem o modo como as crianças lidam com a passiva, não só ao nível da compreensão, como também da produção. É imprescindível aumentar o número de crianças testadas; recorrer a uma maior diversidade de metodologias, de verbos em estudo; e ainda alargar a análise a outro tipo de estruturas passivas, nomeadamente passivas resultativas e estativas.

## Referências bibliográficas

- Allen, Shanley E. M. / Crago, Martha B. (1996): *Early passive acquisition in Inuktitut*. In: *Journal of Child Language* 23(01), 129-155.
- Armon-Lotem *et al.* (no prelo): *A large scale crosslinguistic investigation of the acquisition of passive*. In: *Language Acquisition: A Journal of Developmental Linguistics*.
- Babyonyshev, Maria *et al.* (2001): *The maturation of grammatical principles: Evidence from Russian unaccusatives*. In: *Linguistic Inquiry* 32(1), 1-44.

- Borer, Hagit / Wexler, Kenneth (1987): *The maturation of syntax*. In: Roeper, T. / Williams, E. (edd.), *Parameter-setting and language acquisition*. Dordrecht, The Netherlands: Reidel.
- Chomsky, Noam (1981): *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Correia, Deolinda (2003): *Passivas e Pseudo-Passivas em Português Europeu - Produção Provocada e Compreensão*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Faculdade de Letras - Universidade de Lisboa.
- Crain, Stephen *et al.* (1987): *Capturing the evasive passive*. [On-line], disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10489220902769234>. [Consultado em: 20 nov. 2011].
- Duarte, Inês / Oliveira, Fátima (2010): *Particípios Resultativos*. In Brito, A. M. *et al.* (edd.), *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, 397-408.
- Embick, David (2004): *On the Structure of Resultative Predicates in English*. In: *Linguistic Inquiry* 35(3), 355-92.
- Fox, Danny / Grodzinsky, Yosef (1998): *Children's Passive: A View from the By-Phrase*. In: *Linguistic Inquiry* 29, 2, 311-332.
- Gabriel, Rosângela (2001): *A Aquisição das Construções Passivas em Português e Inglês: Um Estudo Translinguístico*. Dissertação de Doutoramento, PUCRS. Porto Alegre.
- Gordon, Peter / Chafetz, Jill (1990): *Verb-based versus class-based accounts of actionality effects in children's comprehension of passives*. In: *Cognition* 36(3), 227-254.
- Levin, Beth / Rappaport, Malka (1986): *The Formation of Adjetival Passives*. In: *Linguistic Inquiry* 17:4, 623-661.
- Maratsos, Michael *et al.* (1985): *Semantic restrictions on children's passives*. In: *Cognition* 19, 167-191.
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (2003): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Peres, João / Mória, Telmo (1995): *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Pinker, Steven *et al.* (1987): *Productivity and Constraints in the Acquisition of the Passive*. In: *Cognition* 26, 195-267.
- Rubin, Maraci (2009): *The Passive in 3- and 4-year-olds*. In: *Journal of Psycholinguist Research* 38, 435-446.
- Sim-Sim, Inês (1997): *A Língua Materna na Educação Básica – Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.